

O AMOR E O TAXISTA

Art Bachwald

Outro dia, eu estava em Nova York e peguei um táxi com um amigo. Quando saímos do carro, meu amigo disse para o motorista:

– Muito obrigado pela corrida. Você foi fantástico. Dirigiu muito bem!

O taxista ficou estupefato por alguns instantes e, a seguir, disse:

– Você é um cara metido a sabichão ou o quê?

– Não, meu caro, não estou tirando uma da sua cara, não!

Apenas, admirei a maneira como conseguiu ficar calmo nesse trânsito infernal.

O motorista aceitou a explicação e foi embora.

– Qual é a sua? – perguntei.

– Estou tentando trazer amor para a cidade de Nova York – disse ele. – Acredito que essa seja a única maneira de salvar esta cidade.

– Como um homem apenas pode salvar Nova York? – perguntei surpreso.

– Apenas um homem não! Acredito que o taxista ganhou o dia com minhas palavras. Imagine que ele faça 20 corridas. Certamente será gentil para com esses 20 passageiros, pois alguém foi gentil com ele. Esses passageiros, por sua vez, serão mais gentis com os patrões ou balconistas ou garçons, ou, até quem sabe, com seus familiares. Por fim, essa boa vontade alcançará pelo menos mil pessoas. Bem, isso não é nada mal, não é mesmo?

– É, mas você depende desse motorista de táxi para continuar essa corrente da boa vontade!

– Não dependo apenas dele para alcançar meu objetivo, meu caro – disse meu amigo.

– Sei que esse sistema não é à prova de insensatos, mas posso ter contato com dez pessoas hoje. Se dessas dez, eu conseguir fazer três delas felizes, posso afetar indiretamente a vida de outras três mil pessoas.

– Parece uma teoria ideal, mas não sei se funciona na prática – disse-lhe. – Se não funcionar, eu não perco nada. Dizer àquele homem que ele estava desempenhando bem o trabalho dele não me custou nada nem tomou meu tempo. Ele não recebeu uma gorjeta maior, nem menor. Se o elogio caiu no vazio, e daí? Amanhã com certeza encontrarei um taxista a quem poderei fazer feliz.

– Você é maluco! – disse-lhe.

– Isso só demonstra que você se tornou um cínico. Fiz um estudo a esse respeito. O que parece que está faltando para nossos carteiros, além de dinheiro, é claro, é que ninguém mais elogia o bom trabalho que estão realizando.

– Mas, na verdade, eles não estão fazendo um bom trabalho! – comentei.

– Eles não estão realizando um bom trabalho, porque ninguém se importa se estão fazendo ou não um bom trabalho. Por que não

deveríamos fazer comentários gentis para eles? Estávamos passando por uma construção, e cinco operários almoçavam. Meu amigo parou.

– Vocês estão fazendo um trabalho muito bonito. Esta deve ser uma atividade difícil e perigosa.

Os operários, intrigados, olharam para meu amigo.

– Quando é que vocês acabarão esta obra? – perguntou ele.

– Em junho – resmungou um deles.

– Olhe, esta construção é grandiosa. Vocês devem ter orgulho dela, não é mesmo? – ele rematou.

Fomos embora e lhe disse:

– Nunca encontrei ninguém como você desde D. Quixote.

– Depois que esses homens digerirem minhas palavras, eles se sentirão muito melhor, e a cidade certamente se beneficiará com a alegria deles.

– Mas não é possível fazer isto sozinho! – disse-lhe. – Você é apenas um. – Mas a coisa mais importante é não desanimar – continuou ele. Fazer as pessoas da cidade voltar a ser gentis não é uma tarefa fácil, mas eu posso arregimentar outras pessoas para minha campanha...

– Você acabou de dar urna piscadinha para uma mulher bastante comum, sem nenhum atrativo especial – disse eu.

– É verdade, eu sei disso! – concordou ele. – E se ela for professora, os alunos dela terão uma aula muito mais agradável.